

# LINGUASAGEM

## FOLHETINS: BREVES APONTAMENTOS SOBRE SUA FUNÇÃO COMO INSTRUMENTO CULTURAL DE SEDUÇÃO DOS LEITORES E DE EDUCAÇÃO DAS MASSAS<sup>1</sup>

Débora Cristina Ferreira GARCIA<sup>2</sup>

### Resumo

Desde seu surgimento nos periódicos oitocentistas franceses, a seção folhetim configura-se como um espaço específico, geralmente a metade inferior da primeira página dos jornais separada por uma linha horizontal, em que os leitores, cansados dos enfadonhos discursos políticos ou textos de caráter técnico, podem encontrar uma leitura mais amena, de entretenimento. Das piadas às receitas de beleza e de culinária, a seção especializa-se e, em 1836, se inicia a publicação no rodapé dos jornais a ficção seriada. Diante de tamanho sucesso que se comprova não só pela expansão do público leitor/ouvinte como também pela imitação que muitos autores fizeram dos ingredientes advindos das receitas propostas pelos precursores, Dumas e Sue, para a produção de um bom folhetim, perguntamo-nos quais seriam esses elementos presentes nos folhetins de modo geral e mais especificamente nos textos do rodapé do *Correio Paulistano* nas décadas de 1860 e 1870<sup>3</sup> que tanto contribuíram para a formação de um público leitor cativo.

**Palavras-chave:** Folhetins; Correio Paulistano; História da leitura; Perfil do leitor de folhetins.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de sua pesquisa de pós-doutorado, com apoio FAPESP (2012/06457-0), intitulada “O leitor de folhetins do *Correio Paulistano* no século XIX”, junto ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, sob a supervisão da Profa. Dra. Luzmara Curcino.

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela UNESP/FCLAr. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua portuguesa desta mesma instituição. É membro do LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura –UFSCar/CNPq. Contato: deboracfgarcia@gmail.com

<sup>3</sup> Salientamos que a leitura de folhetim no Brasil não atingiu o mesmo apogeu das terras europeias, haja vista o alto índice de analfabetismo de nossa população. No entanto, a observação dos jornais da época, em que a seção se faz presente não só nos periódicos da então capital do país, como também das províncias e do interior das províncias, somada aos relatos de autores nacionais sobre suas relações com o folhetim mostram que esse tipo de leitura também teve uma repercussão positiva em nosso país no século XIX.

## Abstract

Since its emergence in the 19<sup>th</sup> century French journals, the serial section is configured as a specific space, usually the lower half of the first page of newspapers separated by a horizontal line, in which readers, tired of boredoms political speeches or technical texts, can find a more mild reading of entertainment. From jokes to beauty and cooking recipes, the section specializes itself and, in 1836, the publication in the footer of the newspapers begins serial fiction. Faced with a successful size that was proved not only by the expansion of the reader/listener public but also by the imitation that many authors made of the ingredients derived from the recipes proposed by the precursors, Dumas and Sue, for the production of a good serial, we wonder what of these elements were present in the serials in general and more specifically in the texts in the footnote of *Correio Paulistano* in the 1860s and 1870s that contributed so much to the formation of a captive reader audience.

**Keywords:** Serials; Correio Paulistano; History of reading; Profile of the serial reader.

## Introdução

O fortalecimento da imprensa, a urbanização das novas cidades, a crescente alfabetização da população e a organização da vida segundo os parâmetros burgueses fazem do século XIX um importante período da história da leitura no mundo ocidental, na medida em que contribuem para a inserção de um novo público no mundo das letras - a mulher, os operários e as crianças.

Esse novo segmento a ser conquistado pelo mercado editorial promove a consolidação de novas formas de literatura, dentre as quais se destacam os romances baratos. Embora esse gênero tenha sido alvo das mais variadas críticas<sup>4</sup>, seu grande sucesso no primeiro quartel do século XIX não pode ser desconsiderado:

Nos primeiros anos do século XIX, raramente um romance tinha tiragem de mais de mil ou 1500 cópias. Na década de 1840, as edições com cinco mil cópias já eram mais comuns, enquanto que na década de 1870 as edições mais baratas de Julio Verne alcançaram tiragens de 30 mil exemplares (LYONS, 1999, p.166).

---

<sup>4</sup> Lyons (1999) comenta que muitos idealizadores das bibliotecas destinadas à classe operária, principalmente os sindicalistas, indignavam-se com essa preferência de leitura em detrimento de uma recepção mais voltada à formação política e intelectual da classe. Além disso, a leitura de romance pelo sexo feminino foi durante muito tempo repudiada, uma vez que, como aponta Márcia Abreu (2006), acreditava-se que as mulheres eram “governadas pela imaginação e inclinadas ao prazer” e, portanto estariam, ao se dedicarem a esse tipo de leitura, fadadas às desordens do coração e o que seria pior, às desordens do corpo. Essa conduta poderia desestabilizar a estrutura da família burguesa onde pais, irmãos, maridos temiam que as cenas descritas nos romances, pudessem incitar suas mulheres a paixões romanescas, a situações pecaminosas, ao erotismo que ameaçava a castidade e a ordem.

A repercussão positiva desse gênero entre os leitores não passa despercebida pelos periódicos da época. Inicialmente dedicados aos comentários ou às doutrinações políticas, os jornais alcançam uma recepção bastante restrita ligada aos sujeitos que exercem atividades relacionadas à área do governo, do comércio e da elite intelectual dos profissionais liberais. A expansão do mercado leitor incita os proprietários e os editores da imprensa a criar novas seções que se distinguem das já existentes tanto do ponto de vista das escolhas temáticas quanto da maneira apropriada de abordá-las. Uma dessas novidades é o folhetim.

Desde seu surgimento nos periódicos oitocentistas franceses, a seção folhetim configura-se como um espaço específico, geralmente a metade inferior da primeira página dos jornais separada por uma linha horizontal, em que os leitores, cansados dos enfadonhos discursos políticos ou textos de caráter técnico, podem encontrar uma leitura mais amena, de entretenimento. Das piadas às receitas de beleza e de culinária, a seção especializa-se e, em 1836, Émile de Girardin, observando o sucesso dessa parte do jornal entre o público leitor, une-se a seu ex-sócio Dutacq para publicarem no rodapé de seus jornais a ficção seriada.

Dutacq, conforme apontam Meyer (2005, p. 59) e Nadaf (2002), pirateia Girardin logo de início e lança em seu jornal, *Le Siècle*, a picaresca espanhola “*Lazarrillo de Tormes*” em 1836, alcançando grande repercussão entre o público. No entanto, era preciso fazer romances que se adaptassem a esse novo suporte, utilizando estratégias como as novas condições de corte, o suspense, as necessárias redundâncias para reativar memórias e esclarecer o leitor que pegou o bonde andando.

A construção desse novo espaço jornalístico passa por diversas etapas e vários autores são convidados para escreverem especialmente para os rodapés dos periódicos. Balzac é um deles e lança “*La vieille fille*”, por solicitação de Girardin, no *La Presse* em outubro de 1836. Em 1837, o *Journal de Débats* publica muitos romances que vinham saindo em livro na seção folhetim. Só em 1838, quando Alexandre Dumas definitivamente aceita escrever para o rodapé do *Le Siècle* o romance “*Le capitaine Paul*”, é que o romance-folhetim encontra sua fórmula perfeita capaz de atrair e segurar os tão desejados assinantes dos periódicos. A publicação do romance do Dumas repercute tão bem entre os franceses que proporciona muitos ganhos aos envolvidos: “ao jornal, um aumento de 5000 novas assinaturas no curto espaço de três semanas; ao autor, um rendoso contrato como colaborador exclusivo naquele veículo de imprensa; e

à literatura, o marco inicial de uma nova ficção batizada com o nome de romance folhetim” (NADAF, 2002, p. 18).

Diante de tamanho sucesso que se comprova não só pela expansão do público leitor/ouvinte como também pela imitação que muitos autores fizeram dos ingredientes advindos das receitas propostas por Dumas e Sue para a produção de um bom folhetim, perguntamo-nos quais seriam esses elementos presentes nos folhetins de modo geral e mais especificamente nos textos do rodapé do *Correio Paulistano* nas décadas de 1860 e 1870<sup>5</sup> que tanto contribuíram para a formação desse público cativo.

### **Elementos essenciais para a produção de um bom folhetim**

A primeira característica mais marcante dos romances-folhetins é a narrativa de histórias seriadas, marcada pelo corte preciso e pela divisão da obra em várias partes, capítulos e subcapítulos. A esse dispositivo, Martin-Barbero (2003), em seu livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, dá o nome de dispositivo de fragmentação da leitura. Para o estudioso da cultura de massa, “boa parte do sucesso massivo do folhetim residia aí: numa fragmentação do escrito que incorporava os cortes produzidos por uma leitura não especializada como é a leitura popular” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 193).

Os folhetins publicados no *Correio Paulistano*, assim como em diversos jornais oitocentistas do mundo, seguem composição semelhante ao modelo francês, seja reproduzindo os folhetins lá publicados, seja imitando as técnicas desenvolvidas pelos grandes autores desse gênero como o já citado Dumas e Sue, seguidos de Paul Féval, Ponson du Terrail, Xavier de Montepin entre outros. No nosso caso, em particular, muitas narrativas de ficção que ocupam o rodapé do jornal paulistano são traduções de obras francesas, seguidas das portuguesas e das espanholas<sup>6</sup>. Muitas delas usam desse recurso de fragmentação da narrativa, como é o caso de “Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado”, de Camilo Castelo Branco, conforme tabela abaixo:

---

<sup>5</sup> Salientamos que a leitura de folhetim no Brasil não atingiu o mesmo apogeu das terras europeias, haja vista o alto índice de analfabetismo de nossa população. No entanto, a observação dos jornais da época, em que a seção se faz presente não só nos periódicos da então capital do país, como também das províncias e do interior das províncias, somada aos relatos de autores nacionais sobre suas relações com o folhetim mostram que esse tipo de leitura também teve uma repercussão positiva em nosso país no século XIX.

<sup>6</sup> Destacamos que até a década de 1860, o *Correio Paulistano* privilegia a publicação de traduções francesas. Na década seguinte, verificamos uma forte presença de autores portugueses, principalmente de Camilo Castelo Branco. Poucos brasileiros se aventuram na escrita do rodapé do jornal analisado.

<b>Nome dos capítulos</b>	<b>Data</b>
<b>I. Nasce o heroe. A cabeça e a espertezas do mesmo.</b>	13 de setembro de 1863
<b>II. As delícias portuenses do peixe frito, antes da civilização. Custódia banhada pela luz do século. Bonifácia sustenta as saudáveis doutrinas da estupidez.</b>	15 de setembro de 1863
<b>III. O heroe em mangas de camisa</b>	18 de setembro de 1863
<b>III.</b>	19 de setembro de 1863
<b>IV. Afoga-se Bazílio e desafoga-se milagrosamente</b>	20 de setembro de 1863
<b>IV.</b>	22 de setembro de 1863
<b>V. Bazílio poeta, conquista um tacho. O que lhe aconteceu na capoeira</b>	23 de setembro de 1863
<b>V.</b>	27 de setembro de 1863
<b>VI. A paixão fatal do heroe. Memórias de nossos dias</b>	30 de setembro de 1863
<b>VII. O coração inimigo das pernas</b>	1 de outubro de 1863
<b>VII.</b>	3 de outubro de 1863
<b>VIII. Com comendas e bolos se enganam os tolos</b>	4 de outubro de 1863
<b>IX. Bazílio entre as senhoras raposeiras e o mais que se disser</b>	6 de outubro de 1863
<b>X. Em que entra o author</b>	8 de outubro de 1863
<b>X.</b>	9 de outubro de 1863
<b>XI. Vantagens do roubo contra os inconvenientes. Da predestinação segundo Balzac.</b>	
<b>XI.</b>	11 de outubro de 1863
<b>XII. Dois exemplos de amor paternal</b>	13 de outubro de 1863
<b>XII.</b>	15 de outubro de 1863
<b>XIII. Chora o heroe</b>	
<b>XIII.</b>	16 de outubro de 1863
<b>XIV. Ama Bazílio uma prima-donna Di Castello. Do real theatro de S.João</b>	17 de outubro de 1863
<b>XIV.</b>	18 de outubro de 1863
<b>XV. Que estudo elle teve!...</b>	
<b>XV.</b>	21 de outubro de 1863
<b>XVI. Castigo de leviandade. Capítulo de muita moral</b>	
<b>XVI.</b>	22 de outubro de 1863
<b>XVII. A minha correspondência com Bazílio Fernandes Enxertado</b>	23 de outubro de 1863
<b>XVII</b>	24 de outubro de 1863
<b>XIX. Lágrimas. Capítulo fastidioso</b>	
<b>XIX</b>	25 de outubro de 1863
<b>XX. A santa poesia da caridade</b>	
<b>XX.</b>	27 de outubro de 1863
<b>XXI. Como elles se amavam, sem afrontarem a moral pública</b>	
<b>XXII. Que fim!</b>	28 de outubro de 1863
<b>XXIII. Conclusão</b>	

Esses dispositivos de fragmentação do escrito permitem aos escritores ou editores darem certa unidade a um determinado episódio sem que esse perca sua ligação com o conteúdo global da obra, marcada pelo grande número de personagens que circulam nos mais diversos núcleos de ação.

Além disso, como a permanência do folhetinista poderia ser expandida de acordo com a preferência dos leitores, o estilo de fragmentação possibilita facilmente a expansão do romance, já que novos capítulos, com novos personagens, novos fatos e ambientes podem ser anexados à obra como um todo.

Para os leitores, a segmentação das obras em unidades menores, mas relativamente completas em si (capítulos e subcapítulos), permite-lhes uma certa orientação, localização na trama, que por vezes pode ser publicada ao longo de muitos meses e até mesmo anos. Além disso, a presença de títulos antecipa os fatos explorados no fragmento da narrativa e os localiza em relação ao enredo geral, desempenhando um importante papel na medida em que ao antecipar fatos pode gerar curiosidade quanto ao seu conteúdo, instigando a leitura ou releitura do capítulo. Essa divisão permite ao leitor localizar-se em relação à narrativa, realizar leituras seriadas que podem ser interrompidas e recuperadas mais facilmente quando da retomada da leitura do texto. Outra vantagem editorial dessa fragmentação do texto em capítulos é a de possibilitar a encadernação artesanal, costume comum na época entre os que não tinham condições de adquirir as obras em volumes impressos, por vezes espessos, pesados e caros.

Para prender o interesse desse público leitor por semanas, meses e até anos a fio, uma das grandes estratégias desse tipo de produção é a realização do corte preciso dos episódios. Embora cada episódio contenha o caráter de unidade, o que de certo modo satisfaz a curiosidade do leitor, as informações fornecidas não são o bastante, incitando o desejo de ter às mãos o próximo número do jornal. Assim, a palavra “continua” tão presente no final de cada publicação folhetinesca também é um recurso do dispositivo de fragmentação de leitura, uma vez que corrobora o suspense e a tensão tão necessários para instigarem o leitor a esperar avidamente pelo próximo número do jornal. Retiramos o exemplo abaixo da narrativa “Suzanna d’Estouville”, escrita por Marques de Foudras, em que a protagonista que dá nome à obra, depois de viver muito tempo com madame Granval como sua dama de companhia, deixa-a para cuidar de um tio misterioso que aparece na narrativa velho e doente, precisando dos cuidados da jovem, o que faz com que Suzanna se distancie da família que muito a estima. Em meio

a comentários sobre seu paradeiro, eis que surge uma carta, conforme lemos no trecho abaixo:

*Como é amada « pensou Eleonora em quanto madame Granval abraçava Clara com ternura, e Leoncio se aproximava de uma jànèlla para occultar a sua emoção.*

*Neste momento entrou um criado e entregou uma carta a mademoiselle de Royan.*

*—É de Suzanna! disse ella soltando um grito de alegria, o rompeu immediatamente o sinete.*

*(Continúa.) (Correio Paulistano, 1 de agosto de 1863, p. 1)*

O suspense criado no final dessa parte da narrativa ilustra muito bem aquilo que Jean-Louis Bory, em seu estudo “*premiers éléments pour une esthétique du roman-feuilleton*” (BORY, 1966, p.13 *apud* NADAF, 2002, p.19), diz ser a fonte da qual todos os folhetinistas devem se alimentar, o corte preciso da narrativa. Ao criar expectativas no leitor, o corte mantém a tão desejada assiduidade dos assinantes dos jornais além de conseguir atrair novos leitores capturados pela forma de produção dessas narrativas.

Escritores e editores de romances-folhetins, para facilitarem a leitura do público leitor que acreditavam ser menos experiente, priorizam, além da fragmentação em capítulos cuja narrativa menor é relativamente independente garantindo, assim, a sua compreensão pontual ainda que no interior de uma narrativa maior, uma estrutura dialogal simples, valendo-se prioritariamente, para a reprodução de diálogos entre as personagens, de citações diretas. Além disso, a figura do narrador é muito ativa nesse gênero, intervindo na narrativa por diversos motivos: para comentar determinados fatos, para introduzir antecipações ou para trazer à memória dos leitores acontecimentos descritos em capítulos distantes.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009), em seus estudos sobre a formação da leitura no Brasil, corroboram nossa leitura a respeito da inserção do narrador nas histórias, sejam elas contadas em primeira ou terceira pessoas, ao afirmarem que essa intromissão pode estabelecer “[...] um tipo de familiaridade, que vai além daquela existente entre quem conta uma história e um ouvinte que se deseja atento” (p. 21). Cria-se, primeiramente, uma intimidade entre esses sujeitos, como podemos observar em:

*O leitor e eu compreendemos isto com menos explicações. Era o caso que a menina andava boiando, segurando-se as duas amarras. Bazilio dizia-lhe que estava a chegar com o titulo; Henrique já tinha chegado com uma dúzia de contos de réis. A polygamia seria um grande bem, podendo a menina decidir-se pelos dois; mas a pressão das leis*

*canonicas punha aquelle coração a tormentos. Isto indignou-me! Tive pena de Henrique, e asco de Itelvina. (Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, Correio Paulistano, 9 de outubro de 1863, p. 1)*

Ao relatar o jogo realizado por Itelvina para casar-se com aquele que pudesse lhe oferecer melhores condições de vida, o narrador ironiza um comportamento muito comum nos casamentos arranjados entres as famílias no período. Essa sua intromissão chama o leitor a refletir sobre o assunto em tom de igualdade. O leitor assume o papel de um cúmplice que lê ou ouve os sentimentos causados ao narrador a respeito desse tipo de conduta.

Em outros casos, essa voz do narrador projetada no enunciado pode criar um efeito de sentido diferente. É o caso da narrativa de Manuel Antônio de Almeida “Memória de um sargento de milícias”, uma das poucas obras de autor brasileiro publicadas no *Correio Paulistano*<sup>7</sup>, em que as intromissões são usadas como uma forma de tutelar a leitura de um público considerado ainda iniciante. Nesse caso, as constantes intrusões são artifícios usados pelo autor na tentativa de guiar esse público pela mão, para que este não se perca no emaranhado de histórias e personagens que compõem a obra.

O recurso dos cortes bem feitos, somados às intromissões do narrador, garante a coerência e dá unidade à obra folhetinesca que pode, devido a sua extensão, correr o risco de se dispersar entre os vários núcleos de ações.

Outros elementos recorrentes nos romances-folhetins advêm principalmente do melodrama. Brito Broca (1979), pesquisador da história da literatura, afirma que Émile de Girardin, idealizador da seção das histórias seriadas, observando o êxito extraordinário dos melodramas parisienses, por volta de 1840, chegou à conclusão de que, se publicasse em folhetins diários romances com aqueles mesmos ingredientes dos melodramas certamente alcançaria o sucesso tão desejado.

Não é por acaso que um dos artífices máximos do romance-folhetim, tenha sido Dumas, grande dramaturgo da época, e que Sue, outro renomado folhetinista, também tenha se inspirado no melodrama, mais especificamente na peça de Félix Pyat, *Les deux serruriers* para escrever *Os mistérios de Paris*, marco na história do romance-folhetim. As apropriações feitas pelo folhetim em relação ao melodrama são variadas, dentre as quais destacamos: a constituição das personagens e o enredo.

---

<sup>7</sup> Obra publicada no jornal paulistano no período de 5 de junho de 1866 a 30 de agosto de 1866.

A primeira característica que une o romance-folhetim ao melodrama diz respeito à luta entre o Bem e o Mal que se desenrola entre três personagens, conforme descreve José Ramos Tinhorão (1994), em seu estudo sobre os romances folhetins no Brasil: a vítima (caracterizada como aquela que sempre sofre injustiças sociais ou particulares), o vilão (figura que representa a maldade humana, capaz de realizar qualquer tipo de crueldade), e o herói (representação do bem, configura-se como aquele que salva a vítima). Como vimos, esses sujeitos das narrativas de ficção publicadas em folhetins ou são completamente bons ou intensamente maus, sem qualquer meio termo, caracterização muito semelhante à do melodrama que, segundo Martin-Barbero (2003), apoia-se em quatro figuras: o Traidor, o Justiceiro, a Vítima e o Bobo, cada qual personificando, respectivamente, quatro tipos de sentimentos básicos: o medo, o entusiasmo, a dor e o riso.

Gêneros voltados para um público novo e sem tradição cultural erudita, o romance-folhetim e o melodrama apoiam-se na narração dos fatos de forma clara e linear, sem se ater a um desenvolvimento reflexivo ou psicológico das personagens. Os leitores ou espectadores conhecem as personagens das histórias por meio das ações que realizam. Com essa estratégia, os leitores entram em contato com personagens planas, caracterizadas por representarem qualidades ou defeitos únicos, que despertam sentimentos como a admiração (herói), o terror, o medo e a revolta (vilão) e a piedade (vítima). Ambos os textos exploram o sofrimento humano que pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero prendem a atenção do leitor/ espectador. Vejamos como isso se configura nos romances publicados no *Correio Paulistano*, utilizando como exemplo a obra de Dr. A. Silva Gayo, “*Mario: episódios das luctas civis portuguesas de 1820 a 1834*”<sup>8</sup>.

Thereza, protagonista da obra portuguesa de Silva Gayo, representa as vítimas ou heroínas das narrativas folhetinescas. Geralmente essas mulheres são descritas como seres angelicais, como podemos perceber na descrição a seguir:

*Tinha quinze anos, e um corpo alto e elegante, sustentados em dois pés infantis, que á moda do tempo trazia descobertos, num oval formoso, eram admiráveis a pureza e a harmonia das feições; e como nas cabeças negras, encobriam-lhe parte da fronte, elevada e nobre, bastos cabelos louros e ondedos. Eram a aureola d’aqule rosto, em que brilhavam, com raríssima beleza, olhos negros, aveludados, nadando em fluido, e protegidos por longas pestanas e sobrancelhas negras, que pareciam obra de pincel primoroso (Correio Paulistano, 27 de dezembro de 1868, p. 1).*

<sup>8</sup> Obra publicada no *Correio Paulistano* no período de 25 de dezembro de 1868 a 9 de abril de 1869.

Vale ressaltar que esse traço angelical<sup>9</sup> não se restringe à aparência física, mas se estende às suas atitudes. Geralmente, as heroínas são seres que se preocupam com o próximo, colocando o bem coletivo acima dos particulares. Mantêm suas virtudes mesmo diante de todos os sofrimentos.

Thereza representa muito bem a figura da mulher que desde o nascimento sofre com as adversidades da vida, pois fica órfã de mãe logo no nascimento. Na juventude perde o pai assim que este é preso por conta de questões políticas. Ao se apaixonar por Mario, logo se separa dele que também vai preso por conta das artimanhas de Jorge Pinto, representante da maldade, da crueldade e da vingança. Esse sujeito, ao se ver renegado pela jovem Thereza, pratica diversas perversidades, entre as quais destacamos a prisão de Mario.

Quanto ao herói, temos a figura de Mario, também caracterizado como um sujeito virtuoso mesmo diante de todas as adversidades da vida. Perde a mãe também muito cedo, seu pai, viciado em jogos, espolia toda sua fortuna e chega a roubar a joia herdada por Thereza enquanto o jovem é socorrido pelos tios de Thereza. É preso muito jovem por questões políticas e por assumir o crime de roubo realizado por seu pai.

Essa caracterização maniqueísta das personagens auxilia no processo de identificação do público, pois seduzido pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero acompanha a narrativa até o final. Ao mesmo tempo, essa multiplicidade de emoções advindas das ações de cada personagem permite não só oferecer ao mesmo leitor/ espectador uma rápida transformação emocional, que de certo modo favorece o aumento da sua comoção, como também satisfaz públicos diversificados – os apreciadores do trágico, do cômico ou do patético.

Esse conflito bem demarcado entre o bem e mal, como vimos, fica bem claro para o leitor/ouvinte. Tanto o herói quanto o vilão têm consciência do que fazem e por que o fazem. Enquanto os maus agem em busca de bens próprios, os bons confiam na força da justiça e acreditam que seus ideais são superiores, resgatando sentimentos positivos como lealdade, amor, liberdade, moralidade.

---

<sup>9</sup> Essa figura da mulher anjo não se aplica em algumas narrativas de Camilo Castelo Branco, por exemplo, já que ao fazer críticas à sociedade da época, suas mulheres geralmente são interesseiras, como Mécia, protagonista de *O santo da montanha*, e Itelvina, de *Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado*. Com o poder de sedução que têm, tentam conseguir o melhor partido para um bom casamento. No entanto, ambas sofrem com essa atitude, Mécia acaba sendo assassinada e Itelvina, depois de muitos padecimentos na mão do sujeito que tentou enganar, acaba se unindo ao antigo amigo de infância, Bazílio, que muito a amara e ajudara.

Outro recurso extraído do melodrama e de grande importância para a construção do romance-folhetim é a temática recorrente dos amores impossíveis, das paternidades trocadas, das heranças usurpadas, dos duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões que trazidos para o contexto do público consumidor eleva ainda mais a carga emotiva, promovendo a identificação dos leitores com a obra, como também observa Nadaf (2002).

Mais do que usufruir do processo de identificação e de alargamento do público leitor, as personagens das histórias folheteiras representam modelos de comportamento para a sociedade do século XIX. Muitas obras publicadas nessa época, principalmente romances, foram vilipendiadas ou valorizadas com base nessas questões. *Madame Bovary*, de Flaubert, foi recebida como um escândalo na medida em que representava uma verdadeira ameaça às mulheres da época pela forma como tratava o tema adultério. Muito mais do que diversão para os novos leitores<sup>10</sup>, os romances-folhetins deveriam acatar a função de propagador dos valores da sociedade industrial urbana que se formava na Europa do século XIX.

O Brasil, por outro lado, em busca da criação de uma identidade após a emancipação política, vale-se do modelo europeu, principalmente o francês. Os folhetins tornam-se mais um modelo europeu a ser copiado pelos brasileiros.

Relacionada à característica moral, está a visão maniqueísta dos enredos dos romances-folhetins que divide as personagens principais entre bons (herói e vítima) e maus (vilões: ambiciosos, bandidos). Encontramos no primeiro grupo todas as características do homem e da mulher participantes da sociedade idealizada na época. Por outro lado, o segundo grupo demarca as características a serem repelidas na medida em que descrevem os desvios e perversões degradantes da sociedade. Quanto maior a vilania, mais destaque se dá aos valores defendidos pelos heróis, que, de certo modo, representam os valores da época.

### **Considerações finais**

Criado para atrair grande número de leitores para os jornais do século XIX, os folhetins se adaptam paulatinamente até conseguirem atingir uma configuração que agrada o público da época. Alexandre Dumas e Eugene Sue contribuem sobremaneira

---

<sup>10</sup> Reiteramos que embora o número de analfabetos brasileiros no século XIX fosse bastante alto, não podemos esquecer que a leitura de folhetim não se restringia à leitura solitária e silenciosa. A forma como esses textos se constituíam, assim como os costumes da época, permitia que esses textos fossem conhecidos por um número maior de pessoas graças à leitura oralizada e coletiva.

para a produção folhetinesca, criando uma espécie de receita que passa a ser copiada por autores do mundo inteiro que se aventuram a escrever romance-folhetim. Herdeiro de muitos elementos do melodrama - histórias de amor impossíveis, regadas a vinganças, duelos entre personagens configurados de forma maniqueísta – somados ao corte preciso dos episódios, capazes de despertar o interesse do leitor pelos próximos números, à tentativa de aproximação do autor de seus leitores por meio da conversa instalada no discurso, são elementos recorrentes nos folhetins e que confirmam que esses textos seguiam uma receita infalível para manter por dias, meses e até anos um público cativo.

Verificamos ao longo de nossa leitura a respeito dos folhetins e de nossa análise específica dos romances-folhetins publicados no *Correio Paulistano* entre as décadas de 1860 e 1870, que essa seção do jornal, apoderando-se dos ingredientes acima mencionados, atinge seu primeiro objetivo, tornar-se um local em que leitores, não interessados nas enfadonhas notícias políticas que caracterizam a imprensa da época, podem encontrar textos mais amenos voltados ao lazer, à diversão, ao entretenimento. No entanto, vimos que esse espaço de leitura mais amena e aparentemente descompromissada dissemina o conhecimento entre a população, principalmente na veiculação de valores considerados ideais para a sociedade da época e que se sobressaem na forma de configuração das personagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia. **Cultura letrada: literatura e cultura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

BROCA, Brito. O romance folhetim no Brasil. In: **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis; Brasília: INL/MEC, 1979, p. 174 - 178.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo**

**ocidental.** Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999. v. 2. p. 165-202.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Trad. Ronaldo Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: os folhetins nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX).** Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1994.

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

#### **Como referenciar este artigo:**

GARCIA, Débora Cristina Ferreira. Folhetins: breves apontamentos sobre sua função como instrumento cultural de sedução dos leitores e de educação das massas. In: **revista Linguasagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 132-144.